



# “Sementes de Marielle” – impulsos para descolonizar o conceito da “memória perigosa”

*“Marielle’s seeds” – Impulses to decolonize the concept of “dangerous memory”*

Katharina Merian <sup>[a]</sup> 

Zurique, ZH, Suíça

<sup>[a]</sup> Universidade de Zurique

**Como citar:** MERIAN, Katharina. “Sementes de Marielle” – impulsos para descolonizar o conceito da “memória perigosa”. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 309-325, maio/ago. 2024. DOI: [doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.A002](http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.A002).

## Resumo

Este artigo aborda a questão de como grupos subalternizados se empoderam através da “memória perigosa”. Segundo o teólogo político Johann Baptist Metz, a “memória perigosa” refere-se à memória do sofrimento e das esperanças não realizadas que perturbam o presente. De um ponto de vista teológico, a memória perigosa é a memória da cruz. Engajando criticamente com Metz, a análise da memória de Marielle Franco oferece impulsos para um sentido decolonial da “memória perigosa” que se centra mais no que já foi alcançado. A trajetória de Marielle Franco é um testemunho de como as mulheres negras das favelas se empoderam individual e coletivamente através da educação, do cuidado, da construção coletiva e da apropriação de uma autoimagem positiva. Este artigo mostra como, após o assassinato de Marielle Franco, sua memória se tornou uma “memória perigosa” que empodera e inspira mulheres subalternizadas e promove processos de tornar-se sujeito. Dessa maneira, a memória de Marielle Franco se torna um estímulo para a teologia política de reconceitualizar a “memória perigosa” como memória de ressurreição que abre caminhos para a vida.

**Palavras-chave:** Teologia política. Memória perigosa. Marielle Franco. Johann Baptist Metz. Decolonialidade.

<sup>[a]</sup> Doutora em Teologia, e-mail: [katharina.merian@uzh.ch](mailto:katharina.merian@uzh.ch)

## Abstract

*This article addresses the question of how subalternized groups empower themselves through "dangerous memory". According to political theologian Johann Baptist Metz, "dangerous memory" refers to the memory of suffering and unfulfilled hopes that disturb the present. From a theological point of view, dangerous memory is the memory of the cross. Engaging critically with Metz, the analysis of the memory of Marielle Franco offers impulses for a decolonial understanding of "dangerous memory" that focuses more on what has already been achieved. Marielle Franco's trajectory is a testimony to how black women from the favelas empower themselves individually and collectively through education, care, collective construction and the appropriation of a positive self-image. This article shows how, after Marielle Franco's assassination, her memory became a "dangerous memory" that empowers and inspires subalternized women and promotes processes of becoming a subject. In this way, the memory of Marielle Franco becomes a stimulus for political theology to reconceptualize "dangerous memory" as a memory of resurrection, which opens up paths to life.*

**Keywords:** *Political theology. Dangerous memory. Marielle Franco. Johann Baptist Metz. Decoloniality.*

---

## Introdução

Este artigo aborda a questão de como indivíduos e grupos subalternizados podem se autoempoderar através da “memória perigosa”. “Memória perigosa” significa, retomando a Teoria Crítica (cf. Zamora, 1995, p. 440-450), uma memória que lança uma luz crítica sobre o presente ao se recordar de possibilidades não realizadas do passado e alternativas para as circunstâncias presentes e, com isso, as desnaturaliza. O nexo entre memória e autoempoderamento já é um tema de teologias libertadoras há bastante tempo (cf. Schüssler Fiorenza, 2014), mas parece que até hoje ele não foi tratado explicitamente a partir do pensamento de Johann Baptist Metz, que destacou, na “nova teologia política”, a concepção de “memória perigosa” como memória de sofrimento. O presente artigo procura preencher essa lacuna.

As reflexões que se seguem partem do exemplo da “memória perigosa” da vereadora carioca Marielle Franco (1979-2018)<sup>1</sup>. Formada em Sociologia, Marielle se identificava como “mulher, negra, favelada”, era casada com uma mulher e uma conhecida ativista dos direitos humanos. Em 2016, foi eleita vereadora na cidade do Rio de Janeiro. Seu mandato na Câmara tinha um perfil interseccional e feminista e servia, entre outros objetivos, para fortalecer a presença de mulheres negras<sup>2</sup> no parlamento municipal, que são tradicionalmente invisíveis na política brasileira e pouco representadas. Depois do assassinato da Marielle Franco em 14 de março 2018, seu nome virou um símbolo mundial na luta pelos direitos humanos, das mulheres e da população LGBTQ+, bem como na luta contra o racismo.

O objetivo do artigo é, partindo do exemplo de Marielle Franco e do pensamento de Metz, elaborar uma interpretação decolonial de “memória perigosa”. Esta última não considera o sofrimento de forma isolada, mas em conexão com a “colonialidade” (Drexler-Dreis, 2019, p. 10-15) em todas as esferas da vida e, por conseguinte, a injustiça estrutural e as diferentes formas de violências que a acompanham. Além disso, uma interpretação decolonial da “memória perigosa” não foca só no sofrimento e na vitimização, mas aponta também caminhos para a vida e a ressurreição.

### **Solidariedade com Marielle Franco como “memória perigosa”?**

O assassinato de Marielle Franco desencadeou reações indignadas e mobilizou em pouco tempo milhares de pessoas no mundo inteiro. Já poucas horas após a divulgação de sua morte, as ruas do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras se encheram de manifestantes que protestavam contra esse crime. Grandes jornais internacionais noticiaram seu assassinato, que também se tornou um “trending topic” nas redes sociais. Nos dias subsequentes houve diversos posicionamentos de órgãos políticos, organizações internacionais e personalidades conhecidas que exigiam um esclarecimento independente do caso (cf. Greenwald *et al.*, 2018). Em todo o mundo foram organizadas manifestações memorativas e em pouco tempo se instituíram “*memory sites*” [locais de memória] em homenagem à vereadora carioca assassinada<sup>3</sup>. Como pretendo mostrar no que se segue, muitas dessas reações podem ser entendidas como expressão de uma “memória perigosa” nos moldes propostos por Johann Baptist Metz.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um resumo de uma dissertação teológica, que foi defendida em janeiro de 2023 na Universidade de Basileia na Suíça e que será publicada pela Palgrave Macmillan em setembro de 2024 (Merian, 2024). No âmbito da dissertação, foram realizadas dez entrevistas com pessoas do entorno pessoal e profissional de Marielle Franco em julho e agosto de 2019 e analisadas de acordo com os princípios do método de *Grounded Theory*. Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento declarando a própria participação voluntária. Os excertos das entrevistas foram anonimizados por razões de segurança. – Gostaria de agradecer aos revisores anônimos por seus comentários e a Gizele Marques Silva e Giulia Radicetti R. Abbate pela ajuda na finalização do artigo.

<sup>2</sup> A designação “negra” neste artigo se refere à autoidentificação das respectivas pessoas.

<sup>3</sup> Um panorama dos locais de memória se encontra no site “MARIELLE – HOMENAGENS – intervenções urbanas” (Ferreira, 2018).

### **Metz: “memória perigosa” como recordação de sofrimento**

Na “nova teologia política” de Metz, que busca estimular a consciência política das igrejas e da teologia e promover o engajamento pela dignidade humana a partir de um ponto de vista cristão, a “memória perigosa” é um conceito central. Refere-se a uma recordação de sofrimento passado que é mantida viva no presente de modo crítico e solidário.

Na teologia de Metz (2016, p. 53-68), a “memória perigosa” de Jesus Cristo (“*memoria passionis Jesu Christi*”) tem um significado paradigmático<sup>4</sup>, porque mantém a consciência viva de que todas as pessoas são chamadas por Deus a se tornarem sujeitos. Segundo Metz (*ibid.*, p. 69-101), uma teologia autocrítica sobre seu próprio ponto de vista não pode pressupor *apriorimente* “o sujeito” como princípio formal do iluminismo europeu ocidental que, do ponto de vista histórico, foi sustentado pela burguesia. Em vez disso, uma “teologia política do sujeito” precisa incluir em suas reflexões críticas as condições e práticas históricas e sociais que o produzem para não sucumbir ao ponto de vista ideológico da burguesia. Como consequência disso, Metz exige que a reflexão sobre Deus seja feita como expressão de uma “opção pelo tornar-se sujeito de todas as pessoas” (*ibid.*, p. 91) e que a prática cristã deva corporificá-la.

Para Metz (*ibid.*, p. 97-101), viver a “opção pelo tornar-se sujeito de todas as pessoas” significa que as pessoas cristãs se solidarizem com as vítimas da “história, que é escrita pelos vencedores”. Essa solidariedade não é uma “solidariedade de aliança” entre parceiros iguais, mas se baseia, segundo Metz (*ibid.*, p. 239-244), no reconhecimento da carência das pessoas vitimadas. Ao lembrar o sofrimento de pessoas vítimas de injustiça que foram impedidas de se tornarem sujeitos, as pessoas cristãs (como sujeitos estabelecidos) mantêm viva uma tradição de liberdade que critica e se posiciona contra o “direito do mais forte” (*ibid.*, p. 207-208).

No pensamento de Metz (*ibid.*, p. 144-146), essa prática rememorativa se alimenta de uma esperança apocalíptica em Deus e sua solidariedade não só com os vivos, mas também com os mortos. Essa esperança não paralisa, mas motiva para a ação porque conta com um fim do tempo como contínuo infundável e da história como história do progresso. Em uma perspectiva apocalíptica, o tempo e a história não se estendem indefinidamente, como é o caso de um ponto de vista das ciências naturais marcadas pela teoria da evolução, mas estão nas mãos de Deus (Metz, *ibid.*, p. 182-192).

### **Formas problemáticas de solidariedade?**

Muitas das reações posteriores ao assassinato de Marielle podem ser entendidas como expressão de uma “memória perigosa” do sofrimento (nos termos propostos por Metz). Elas não só mantêm viva, de maneira solidária, a memória de um sujeito que foi interrompido, ou seja, impedido, por um ato violento. Algumas das reações acima mencionadas, como os posicionamentos de autoridades públicas, também tentaram exercer pressão sobre as autoridades brasileiras e levá-las a esclarecer rapidamente o caso e a fazer justiça.

Além dessas manifestações de solidariedade, porém, também houve numerosas outras reações ao assassinato de Marielle que tentaram descontextualizá-lo, despolitizá-lo e até instrumentalizá-lo para fins políticos que se opunham aos propósitos dela (Pasti; Amorim; Mourão, 2018). Por exemplo, o

---

<sup>4</sup> Isso se aplica ao período a partir do ano de 1969, em que Metz introduziu o conceito de “memória passionis”; cf. Metz, 2016, p. 27-60. A primeira fase da “nova teologia política” de Metz estava mais fortemente marcada pela confrontação com questões da conformação do futuro e da escatologia futura.

então presidente Michel Temer condenou o assassinato de Marielle como “um ataque contra a democracia”, mas, ao mesmo tempo, utilizou o caso para salientar a legitimidade da ocupação militar do Rio de Janeiro (21 de fevereiro de 2018 a 1º de janeiro de 2019). Membros da equipe de Marielle e seu partido PSOL, entre outros, se defenderam contra essa instrumentalização e enfatizaram que a vereadora era contra a ocupação porque arriscava piorar ainda mais as condições de vida de grupos de pessoas vulneráveis, como nas favelas (Redação Sul 21, 2018).

Esse exemplo é adequado para chamar a atenção para um problema, ou seja, uma tensão problemática contida na concepção de “memória perigosa”: no pensamento de Metz, como já vimos anteriormente, a solidariedade ao lembrar as vítimas e os mortos se baseia no reconhecimento da carência deles. Essa compreensão de solidariedade pode ser interpretada como uma forma de “*advocacy*” [defesa de direitos] (Rieger, 2019, p. 89-91) em que os sujeitos estabelecidos falam pelas pessoas que foram impedidas em seu tornar-se sujeitos e não podem (mais) falar por si mesmas. Entretanto, como mostra o exemplo acima, essa compreensão de solidariedade também acarreta um potencial de abuso. Como mostrarei na última seção do artigo, uma outra compreensão de solidariedade poderia ajudar a garantir que os interesses individuais e coletivos de pessoas vitimizadas sejam mais respeitados e menos despolitizados e invisibilizados. Mas antes de chegar a esse ponto, o artigo prossegue examinando, com base no exemplo do caso da Marielle Franco, uma compreensão alternativa de “memória perigosa” que vai além da recordação de sofrimento.

### **“Semente da Marielle” – autoempoderamento coletivo mediante uma “memória perigosa”**

O assassinato de Marielle não só desencadeou indignação e solidariedade no mundo inteiro, como vimos anteriormente. Seu assassinato também impulsionou, no outono de 2018, o aumento do número de mulheres negras que se candidataram a um cargo político no Brasil (cf. Potter, 2018)<sup>5</sup>. Elas, assim como numerosas outras mulheres e meninas afrodescendentes que se reconheceram na história de Marielle e, com isso, tomaram coragem de se empenhar por si mesmas, foram, na sequência, chamadas de “sementes de Marielle”.

Do ponto de vista teológico, a expressão “semente” pode ser entendida como uma referência ao martírio. A teologia do martírio ressalta que a morte e a crueldade contra pessoas cristãs não enfraquecem nem diminuem sua comunidade. Pelo contrário: a comunidade cristã é fortalecida pelas mortes dos mártires porque elas aprofundam a fé no mistério da cruz de Jesus (anúncio) e reforçam a atenção em relação às forças que ameaçam e destroem a vida (denúncia). Além disso, a memória comum de um mártir faz com que a comunidade se reúna, seja motivada para a resistência e corrobore os valores pelos quais o mártir morreu (Marins; Trevisan; Chanona, 1984, p. 26-40).

Levando a interpretação do martírio adiante, Marielle Franco não pode ser designada como “mártir da fé”, pois ela não defendia uma agenda religiosa. Mas ela pode, na tradição da teologia da libertação, ser interpretada como “mártir pelo reino de Deus” (Boff, 1983, p. 177), uma vez que foi morta

---

<sup>5</sup> Os quatro exemplos mais conhecidos são todos do estado do Rio de Janeiro e tinham vínculos estreitos com Marielle Franco. Talíria Perone era vereadora em Niterói e é deputada federal por esse estado desde 2019. Três ex-assessoras de Marielle na Câmara Municipal – Renata Souza, Dani Monteiro e Mônica Francisco – foram eleitas deputadas estaduais. Renata Souza e Dani Monteiro continuam exercendo o cargo.

porque defendia valores (como a dignidade humana e o direito à vida de todos, todas e todes) que corporificavam o reino vindouro de Deus<sup>6</sup>.

A interpretação da morte de Marielle Franco como a morte de um “mártir pelo reino de Deus” é um ponto de partida útil para entender como, após o seu assassinato, indivíduos e grupos começaram a dar continuidade ao seu legado. Mas ela ainda não pode explicar de forma suficiente por que tantas mulheres afrodescendentes se identificaram com Marielle. Como procuro mostrar no que se segue, falar de “semente” também pode ser entendido como expressão de autoempoderamento individual e coletivo de mulheres negras em função da memória de Marielle.

### **Autoempoderamento na teoria feminista interseccional negra**

As reflexões seguintes sobre o autoempoderamento individual e coletivo partem da teoria feminista, particularmente da teoria feminista interseccional negra (cf. Hill Collins, 2002). Ela não reivindica falar em nome “da mulher”, como ocorria frequentemente em teorias feministas do Norte global, desenvolvidas por mulheres brancas e de classe média. Em vez disso, seu pensamento e sua busca de emancipação e autoempoderamento partem do conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 1991) que diz respeito à análise da sobreposição de diversos mecanismos de opressão (com base nas categorias de gênero, raça, orientação sexual, desempenho econômico, religião etc.) nas vidas de mulheres afrodescendentes.

Para entender melhor o conceito do autoempoderamento, é útil considerar a compreensão de poder na teoria feminista. Com base na influente definição de Allen (1998, p. 33-35), a teoria feminista opera frequentemente com a distinção entre “*power-over*” [poder sobre] na acepção de dominação e/ou opressão, “*power-to*” [poder para] como capacidade de realizar algo, e “*power-with*” [poder com] como capacidade de agir como coletivo e atingir objetivos comuns. “*Power-to*” e “*power-with*” são tidos como caminhos e meios para empoderar mulheres em situações ou contextos de opressão (Pansardi; Bindi, 2021, p. 59-65).

No livro *Empoderamento* (2019) da feminista negra brasileira Joice Berth, essa distinção terminológica não é retomada explicitamente, mas se encontra nele em termos de sua acepção. Analisando os mecanismos de opressão sobrepostos na vida de mulheres afrodescendentes, Berth (*ibid.*, Opressões estruturais e empoderamento) enfatiza a necessidade de empoderamento coletivo (na acepção de “*power-with*”). O empoderamento individual de uma mulher (na acepção de “*power-to*”) – melhorando, por exemplo, sua situação financeira – não deixa de ser significativo, mas ainda não é suficiente para transformar estruturas racistas.

Ao buscar transformar estruturas de opressão por meio do empoderamento coletivo, é fundamental, segundo Berth (*ibid.*, Introdução), estar crítico às formas de paternalismo ou assistencialismo que tornem o empoderamento de mulheres dependente de determinadas condições. Por isso, Berth acentua a necessidade de *autoempoderamento* de mulheres negras através de troca de ideias, do apoio mútuo, do autoconhecimento, da autoafirmação e da autovalorização. A ênfase no *autoempoderamento* não exclui a existência de “estímulos externos” como, mediante educação, cultura, terapia etc. (*id.*). Mas eles são considerados apenas medidas de apoio, e não condições para o processo de *autoempoderamento*.

---

<sup>6</sup> Essa interpretação da morte de Marielle se encontra exemplarmente na fala intitulada “Jesus, negro, favelado, de Nazaré” do pastor Henrique Vieira (desde 2023 deputado federal do PSOL do Rio de Janeiro), reproduzido em Coelho, 2018.

Em suma, a acentuação da dimensão coletiva do empoderamento por parte de Berth e outra feministas negras visa uma crítica fundamental da situação de poder reinante e a transformação da injustiça e desigualdade social partindo das vidas de mulheres afrodescendentes no Brasil que são fortemente marcadas pela colonialidade (Carneiro, 2003). Por isso, a busca por autoempoderamento coletivo tem muitas referências internas com práticas de descolonização. Estas últimas são mais do que apenas práticas de resistência contra a opressão. Elas são, em vez disso, uma “ofensiva proposicional e insurgente para que contesta e constrói” (Walsh, 2018, p. 33). O objetivo das práticas de descolonização e do autoempoderamento das mulheres afrodescendentes é a (re-) construção de outras realidades de vida além das possibilidades previstas pela imaginação colonial.

### **Autoempoderamento na trajetória de Marielle Franco**

No que se segue, apresentaremos inicialmente o papel desempenhado pelo autoempoderamento individual e coletivo na trajetória de Marielle Franco e as estratégias que podem ser observadas nela. Na sequência, trataremos da questão de como a memória da vereadora carioca – como mulher negra, favelada, lésbica consolidada e empoderada – empoderou outras mulheres após seu assassinato.

A trajetória de Marielle foi marcada, desde sua infância, por várias experiências sobrepostas de discriminação e marginalização e de resistência contra elas. Criada no Complexo da Maré, um complexo de 16 favelas na região norte do Rio de Janeiro, Marielle, como mulher negra e mãe solteira que se apaixonou por outra mulher, divergia em vários sentidos da norma social hegemônica. Isso fez com que ela se encontrasse repetidamente em situações de risco – desencadeadas, entre outros fatores, pela violência (policia) nas favelas, pelo racismo ou pelo perigo iminente do chamado “estupro corretivo” (Dias Carneiro, 2018).

Nesse contexto, na vida de Marielle, diversas estratégias de autoempoderamento individual e coletivo foram importantes e ajudaram a ela e a outras mulheres com perfis semelhantes a assegurar sua própria sobrevivência e se organizar politicamente, convertendo esses aspectos de sua identidade e de sua vida – que eram considerados inferiores ou anormais sob as condições sociais e culturais reinantes – em impulso para a transformação da sociedade. Isso está resumido na seguinte citação:

[E]ra um corpo que representa muitas coisas dentro de nossa sociedade. É um corpo feminino, o corpo de uma mulher que representa o que a sociedade traz no seu preconceito, né? [incompreensível] Mulher, negra, favelada, LGBT. Tudo ... que criou sua filha, né? Pensa nisso tudo num corpo de uma mulher só. São coisas que a sociedade considera muito perversas. Mas que também foi um combustível, um motor de luta, porque ela na verdade incorpora isso, e transforma isso numa militância executável, né? Assim, ela efetivamente executava esses lugares trabalhando em torno deles. Então da mesma forma que não é leve, também era motor. Motor que fez ela se transformar nessa gigante que ela é hoje.<sup>7</sup>

A análise de entrevistas dadas por pessoas do entorno de Marielle Franco mostra que elas e as pessoas naquele contexto usavam quatro estratégias para se autoempoderarem individual e coletivamente. Essas estratégias eram a formação crítica, o cuidado, a colaboração e construção coletiva, bem como a apropriação de uma autoimagem positiva e sua visibilização. Todas essas estratégias também são mencionadas por Berth (2019) e podem ser consideradas típicas do debate e da busca de autoempoderamento no contexto da teoria feminista interseccional negra.

---

<sup>7</sup> Entrevista 9, parte 1, 792-803 (Merian, 2024, cap. 3.3.4, nota 239).

## Formação crítica

Retomando a pedagogia crítica de Paulo Freire, a formação que parte do próprio mundo da vida cria uma consciência crítica das próprias circunstâncias (Berth, 2019, Breve histórico da palavra empoderamento). A importância da formação crítica para o autoempoderamento individual e coletivo se mostra, na trajetória de Marielle, no fato de ela, quando jovem, ter feito um curso pré-vestibular organizado pela ONG *Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré* (CEASM). Esse curso lhe possibilitou não apenas o acesso à universidade, mas assentou, assim, a pedra fundamental para a melhoria de suas próprias condições de vida e ascensão social. Ele também a politizou e moldou sua postura como ativista e futura vereadora, reconhecendo que o conhecimento não é um fim em si mesmo, mas serve para qualificar as ações e transformar as circunstâncias de vida. Na vereança dela, isso se mostrou, por exemplo, na grande quantidade de projetos (Franco, 2018) que foram todos pensados e desenvolvidos juntos com movimentos sociais, grupos e pessoas diretamente afetadas pelo problema que ficou sendo tratado, a fim de poder apresentar novas ideias informadas e qualificadas.

## Cuidado

Além da formação, o cuidado também é um recurso importante do autoempoderamento individual e coletivo. Assim, Berth (2019, Estética e afetividade) aponta que o afeto e o cuidado de outras e de si mesma por parte de mulheres negras em um contexto racista e sexista contribuem para construir relações positivas e, assim, fortalecer e juntar forças individuais e coletivas.

Na trajetória de Marielle, a relevância do cuidado com o autoempoderamento individual e coletivo se manifesta fortemente em seu trabalho na Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e da Cidadania do Estado do Rio de Janeiro, que ela coordenou de 2012 a 2016. Nesse contexto, ela acompanhou vítimas de violações de direitos humanos e seus familiares (dentre as quais muitas mães e também policiais), que receberam um apoio significativo por parte dela e de sua equipe<sup>8</sup>. Assim, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e da Cidadania, sob a coordenação de Marielle, conseguiu reunir e sistematizar informações importantes sobre a vitimização dessas mulheres, que, por sua vez, foram incluídas no processo político e no debate sobre segurança pública. Isso é expresso na seguinte citação de um membro da equipe da Comissão:

[O] trabalho era olho no olho, a descrição, mapeamento a partir dos números de casos. E ir para essas reuniões, assim munida das informações sabe, assim: “Ô, nós temos x pessoas assassinadas pela polícia. Como é que a gente pode dialogar? Como é que a gente pode resolver isso com o estado?”<sup>9</sup>

Com essa atitude de cuidado e devido à própria origem na favela, Marielle se tornou uma referência importante na luta pelos direitos humanos nas favelas da cidade do Rio de Janeiro e contribuiu para que indivíduos e grupos em nível local se sentissem fortalecidos na denúncia de violações de direitos humanos. Isso se expressa na seguinte citação:

---

<sup>8</sup> Um caso exemplar foi aquele de Rose Oliveira, cujo filho Eduardo, funcionário da Polícia Civil, foi morto em 2012 durante o exercício da função. Segundo ela, Marielle prestou uma contribuição fundamental em sua busca de justiça; cf. Barreira, 2018.

<sup>9</sup> Entrevista 9, parte 1, 614-618 (Merian, 2024, cap. 3.2.4.2, nota 134).

Eu conheço a Comissão de Direitos Humanos há bastante tempo. [...] Eu ouço muito da galera mais antiga, galera do início, dessa mudança de perfil, né, de pessoas que ... . Tem aumentado o número de pessoas que tem buscado o auxílio, está presente, ir, conhecer, visitar, ligar, na Comissão de Direitos Humanos, porque a história da Marielle reverberou isso. Parece que as pessoas veem que tem alguém da favela lá, que entende esse cotidiano. Não é alguém, não é o europeu do “médico sem fronteiras,” entendeu? [incompreensível] É alguém que saiu do mesmo lugar, né, e ela entende que essa conexão é importante, que essa ponte é importante. E isso dá segurança, dá representatividade. Então, essa política encarnada corporalmente, ela fez toda diferença, eu acho, né, pra Marielle ter marcado da maneira que marcou também.<sup>10</sup>

O cuidado para com outras pessoas por parte de Marielle não se limitava a vítimas de violações de direitos humanos, mas se mostrava também, entre outras, na forma como ela atuava em movimentos feministas ou lidava com seus companheiros e suas companheiras de partido. Por fim, através do cuidado com outras pessoas, Marielle acabou se tornando uma liderança política. Isso é expresso pela seguinte citação:

A Marielle era um lugar de acolhimento. Ela era uma pessoa em todas as esferas da vida e das relações, seja de trabalho, seja de amigos, seja tudo junto, ela era, primeiramente, uma pessoa acolhedora. Antes de qualquer coisa ela era uma pessoa acolhedora. E eu acho que isso faz *muita* diferença. Assim, acho que era isso que tornava ela uma liderança. Ninguém tava atrás dela porque ela sabia dizer o que era pra fazer. As pessoas estavam lá com ela porque estavam do lado dela, se sentiam do lado dela, construindo junto com ela. Porque ela transmitia isso, assim, “eu não tô fazendo nada disso sozinha, eu tô fazendo isso com vocês.”<sup>11</sup>

## Construção coletiva

Outra área que desempenha um papel significativo para o autoempoderamento de mulheres negras é a política. Berth (2019, Acesso a mecanismos de participação social) indica que a participação política tem importância central justamente para o autoempoderamento coletivo. Na trajetória de Marielle Franco, isso se mostrou sobretudo em conexão com sua candidatura para a Câmara de Vereadores em 2016 e no exercício de seu mandato a partir de 2017. Isso é expresso pela seguinte citação:

[O] que ela tinha de, eu acho que de *melhor* na atuação dela, era a capacidade que ela tinha de dialogar com os diferentes. Então, eu acredito que essa capacidade que ela tinha é que de certa forma, infelizmente, determinou as pessoas que viam ela como ameaça ao que já estava posto, a planejar o assassinato dela. Porque ela trazia algo diferente. Inclusive dentro da política, né? Porque ela ultrapassou aquele jogo político que é o jogo da hipocrisia de você ter um discurso político e ter uma prática diferente do discurso. Então, o que Marielle se propôs a fazer e construiu junto com os coletivos que apoiaram na campanha, ela colocou em prática no mandato dela. E isso era algo novo na política. E o novo é que assusta. O novo é que assusta a quem já está acostumado a conviver com aquele [incompreensível], né, que era tradicional na política. Tanto à esquerda quanto à direita.<sup>12</sup>

Como mostra essa citação, tanto em sua candidatura quanto como vereadora, Marielle trabalhou estreitamente com as pessoas que representava. Isso se mostrou, por exemplo, na composição de sua equipe na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, que, em sua maioria, era formada

<sup>10</sup> Entrevista 2, 306-319 (Merian, 2024, cap. 3.3.2.3, nota 274).

<sup>11</sup> Entrevista 7, 724-734 (Merian, 2024, cap. 3.3.2.3, nota 276).

<sup>12</sup> Entrevista 5, 36-49 (Merian, 2024, cap. 3.3.3.2, nota 288).

por mulheres afrodescendentes. Além de seu trabalho na equipe de Marielle, elas também atuavam em movimentos sociais e coletivos que se empenhavam por seus interesses. Dessa maneira, Marielle fez com que, no exercício de seu mandato, os interesses de mulheres afrodescendentes e faveladas e de outros grupos sociais marginalizados que são mais vulneráveis fossem representados de fato e não apenas verbalmente<sup>13</sup>.

Em função da estreita colaboração entre o mandato de Marielle e os movimentos sociais e coletivos, não só foi possível visibilizar seus interesses e preocupações, mas também inserir suas propostas no processo político. Isso se expressa na citação seguinte a partir do exemplo das favelas (“esses lugares”), mas também se aplica a grupos marginalizados como as mulheres afrodescendentes:

[E]la deu a visibilidade pra esse grupo, pra essas pessoas, pra essas vozes. Tirou só do lugar, do território, né, que precisa de auxílio. A Marielle trouxe a potência que esses lugares têm também.<sup>14</sup>

## Apropriação de uma autoimagem positiva e sua visibilização

Além de todos os aspectos mencionados até agora, também a estética é, segundo Berth (2019, Estética e afetividade), um campo importante para o autoempoderamento individual e coletivo de mulheres afrodescendentes, porque ele tem a ver com a percepção e avaliação do que é considerado bonito. Em um contexto em que o branco (no estilo europeu) é tido como padrão de beleza e, eventualmente, é até promovido de modo sistemático como um objetivo a ser alcançado através do “embranquecimento”, as pessoas não brancas são consideradas inferiores e são estigmatizadas, marginalizadas e discriminadas. Isso acarreta não só na desigualdade de oportunidades e desvantagens em termos econômicos, sociais e culturais, mas também, em nível emocional, devido à uma autoimagem negativa e até autodepreciação. Em contraposição a isso, a identificação com a negritude e sua apropriação consciente permitem que se critique e enfrente o discurso racista. Entre mulheres afrodescendentes, a identificação com a própria negritude e sua apropriação se refletem, muitas vezes, na forma de lidar com o próprio cabelo, que passa a ser usado de forma natural, e não mais alisado (para ficar mais perto do “ideal branco”).

Na trajetória de Marielle, a confrontação com a própria identidade negra (e lésbica) e sua apropriação positiva tiveram lugar, inicialmente, sobretudo em seu círculo de amizades. Esse processo se associou, entre outras, com uma aproximação para com religiões de matriz africana. Isso é expresso pela seguinte citação:

Eu acho que ela tava caminhando pra ser uma mulher brasileira muito comum, homem também, que que tá passeando por várias religiões. Ela tava conhecendo mais o candomblé que eu acho que a Monica conhecia mais do que ela. Monica que tava me contando isso, a Monica [Benicio] esposa, né? E ela tava começando a entender um pouco o papel dela no mundo através das religiões afros, né. Era uma coisa que ela tava começando a entrar assim e ao mesmo tempo também pra questão, pra ela assumir uma relação homossexual. Eu acho que essas religiões são mais abertas e respeitam mais essa posição, né? Eu acho que ela tava se sentindo mais acolhida do que dentro da igreja católica.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> A partir de 2013 também surgiram movimentos de renovação política semelhantes em outras regiões do Brasil, como o “Ocupa Política”, que transformaram a prática da representação política (cf. Rodrigues; Freitas, 2021).

<sup>14</sup> Entrevista 2, 322-324 (Merian, 2024, cap. 3.3.3.2, nota 290).

<sup>15</sup> Entrevista 1, parte 1, 455-465 (Merian, 2024, cap. 3.3.4.3, nota 319).

A visibilização da própria identidade positivada como estratégia de autoempoderamento coletivo adquiriu uma grande importância na candidatura de Marielle e, mais tarde, também em seu mandato de vereadora. Essa visibilidade foi percebida, como mostra a próxima citação, como um amadurecimento pessoal e político e potenciação das forças:

P: [...] A Marielle, na campanha, e a Marielle no cotidiano, era uma pessoa ... Ela se vestia de qualquer maneira. As roupas coloridas. Tinham até umas roupas, até que eu falava assim: “Marielle, que roupa é essa?” Uma coisa que não combinava. Ela sempre usou roupas muito coloridas, mas às vezes ela não combinava; ela botava umas coisas ... . Mas eu percebi esse amadurecimento dela na política também. Porque lá no mandato – e as imagens que a gente tem hoje dela de alguma forma reforçam isso – é essa identidade política que ela assume, essas marcas que também se colocaram nas roupas que ela passou a usar, na forma dela se vestir ... / KM: O cabelo ... / P: O cabelo, essa coisa africana ... Ela assumiu de alguma forma aquele visual, que assim, eu acho que isso também deu, isso fez parte de um amadurecimento, de um crescimento dela. De alguma forma é assumir que a apresentação dela e o que ela tava ali se colocando pra potencializar as lutas e pra fazer resistência, incorporou por completo nela. Inclusive essa parte estética, que não era tanto assim, mas acho que no mandato ela deu uma crescida. E ela ficou mesmo mais bonita eu acho, mais segura, mais segura, mais ...<sup>16</sup>

Por fim, a visibilidade da Marielle foi importante para afirmar a legitimidade da própria presença em um Parlamento dominado por homens brancos, de classe média e heterossexuais. Isso é expresso pela seguinte citação:

[E]sse empoderamento, essa afirmação dessa identidade dela negra e favelada não era pra se vitimizar ou pra querer que as pessoas tivessem pena dela ou para ... era justamente pra dizer: “Olha, tô aqui. Vai ter que me engolir”, né? E ela falava, as frases dela na tribuna também, os discursos dela acho que tinha muito aquilo. Aqui tem uma mulher negra e essa mulher negra vai falar: “Vocês não vão me calar não.”<sup>17</sup>

Essa atitude se mostrou claramente no discurso feito por Marielle na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro por ocasião do Dia Internacional da Mulher em 8 de março de 2018, quando um homem tentou interrompê-la através de um aparte que mencionava um nome conhecido da época da ditadura militar. Marielle reagiu apontando para sua eleição e legitimidade democráticas e corroborou, com toda a sua presença: “Eu não serei interrompida” (Instituto Marielle Franco, 11/5/2022). Outro exemplo é o discurso de Marielle na sequência da rejeição do “Dia da Visibilidade Lésbica” em 16 de agosto 2017, em que ela afirmou a presença legítima de mulheres lésbicas com seu próprio corpo (Instituto Marielle Franco, 25/4/2022).

Com sua própria visibilidade e presença no espaço político, Marielle contribuiu para que outras mulheres comessem a se apropriar de espaços nas quais até então eram estranhas. Isso se mostrou, entre outros, no seguinte episódio da atividade parlamentar da Câmara de Vereadores do Rio na época do mandato de Marielle:

[A] gente atua naquela casa. De cara, o racismo tava muito lá porque eles não estavam acostumadas com pessoas negras trabalhando. Mas quando as meninas, né, que limpam as salas, viram a cor da vereadora, e viram a cor da equipe, que majoritariamente era negra, elas se sentiram muito à

<sup>16</sup> Entrevista 4, 421-438 (Merian, 2024, cap. 3.3.4.4, nota 321).

<sup>17</sup> Entrevista 4, 228-234 (Merian, 2024, cap. 3.3.4.4, nota 327).

vontade. Então, assim, eu tenho uma relação de chegar na Câmara e tomar café com aquelas meninas. Elas ficavam me esperando pra gente tomar café juntas, assim, sabe?<sup>18</sup>

Esse exemplo deixa claro que o empoderamento de mulheres afrodescendentes pelo exemplo de Marielle em vida se restringiu a um círculo relativamente pequeno. Mas isso mudou nitidamente após a morte dela.

### **Autoempoderamento coletivo por meio da memória de Marielle Franco**

Em março de 2024, após seis anos de investigações, foram presos os suspeitos mandantes do assassinato de Marielle Franco. Até a presente data, em agosto 2024, as razões do assassinato não foram totalmente esclarecidas. No entanto, muitas das pessoas entrevistadas para esta pesquisa em 2019 assumiram um motivo político. Na percepção delas, Marielle, como mulher negra e lésbica visivelmente empoderada na política, era percebida como ameaça ao status quo político e, por isso, foi executada. Isso é expresso exemplarmente na seguinte citação:

[E]u acho que é a interrupção de um projeto coletivo, sabe? Não é só a vida de uma mãe, de uma mulher, de uma negra, de uma pessoa querida pra sua família, mas uma pessoa que representava um projeto de fato, uma ideia que não morreu, mas que foi arrancada da gente de forma muito violenta, muito agressiva, né? E fazendo coisas simples, né? Nada de ... Não sei, acho que [...] o que logo me bateu de cara foi um pouco isso. Essa mensagem, né, de: “Olha, isso aqui não é pra vocês, aqui não é o lugar de vocês. Vocês têm que parar aí. A gente tá observando. Vocês estão aparecendo e não devem subir.” Uma coisa desse tipo. Porque você olhar pra aquela Câmara de vereadores, com tanta gente com possibilidade de ser assassinada e escolher logo uma mulher negra, não dá pra dizer que foi uma coincidência.<sup>19</sup>

O assassinato de Marielle deveria ter feito com que sua pessoa e as causas que defendia sumissem do mapa. De fato, sua morte violenta e súbita causou muito medo e uma sensação de ameaça entre suas companheiras de caminhada. Em última análise, porém, ela produziu exatamente o contrário. O assassinato de Marielle fez com que na mídia tradicional e nas redes sociais se falasse mais ainda sobre sua pessoa e história. Isso, por sua vez, fez com que um número cada vez maior de pessoas prestasse atenção à sua pessoa e à sua trajetória. Especialmente mulheres afrodescendentes começaram a se reencontrar e a se identificar na história de Marielle. Seu assassinato e tudo que ela alcançou as mobilizou e as levou a assumirem sua própria causa:

Então eu acho que esse assassinato *despertou* uma necessidade de ação muito grande assim, de compreensão de que é isso, você tem que ser o sujeito de ação pra ... sabe, “só a luta muda” aquela realidade assim. Não dá pra esperar de alguém, do Estado ... essa coisa, o Estado. Quem é o Estado que não as pessoas que tão ali dentro dele? Então: “Eu preciso ocupar esse Estado para poder fazer alguma coisa.” E eu acho que esse assassinato de fato gerou um estado de urgência e as pessoas se colocaram pra fazer esse: “se ela fez, eu posso fazer e se somos muitas, fica mais difícil de interromper.” Acho que gerou o efeito contrário do que foi imaginado por quem pensou a morte da Marielle, o assassinato da Marielle. Cê vai ver, ao invés de medo ... até teve medo, mas foram com medo mesmo, sabe ... Não foi um medo que imobiliza. Foi um medo que te põe a agir.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Entrevista 6, 146-154 (Merian, 2024, cap. 3.3.4.5, nota 332).

<sup>19</sup> Entrevista 1, parte 2, 47-59 (Merian, 2024, cap. 3.4.3.1, nota 346).

<sup>20</sup> Entrevista 7, 1373-1386 (Merian, 2024, cap. 3.4.3.2, nota 357).

Essa forte mobilização após o assassinato de Marielle fez com que seu destino e as causas que levava adiante não pudessem ser ignorados pela opinião pública. Por diversas formas de recordação – protestos de rua, grafiteagem, homenagens políticas, a forma pela qual outras mulheres se apropriaram das palavras dela (como “Eu não serei interrompida”) etc. – Marielle continuou sendo um sujeito político mesmo após sua morte e as lutas sociais pelas quais ela havia se engajado alcançaram um novo nível de visibilidade. Esse nexos é expresso na seguinte citação, que trata da questão do que mudou com a morte de Marielle.

Primeiro a gente perdeu ela. Eu falo isso porque... como é que eu posso dizer isso, não dá pra diminuir essa dor. Não dá pra ver ... só a semente. Não sei se é uma fala pessimista. Espero que não. Mas eu preferia que nós tivéssemos menos mártires ao longo da história. Entende o que eu quero dizer? O que muda é que ... a primeira mudança é que eu perco uma amiga. E isso é muito duro, ainda mais da forma como foi. Então a primeira mudança é a *ausência* da Marielle. E essa é uma dor... que precisa ser reconhecida e sentida com toda integridade. Agora, como cristão, até como cristão, esse sentido múltiplo da ressurreição ... o que muda é que esta morte *acaba* dando uma visibilidade muito maior às causas que a Marielle carregava. Então muda o patamar de debate sobre a questão do machismo, do racismo e da LGBTfobia no sentido de dar mais visibilidade, de dar mais força, de dizer: “Não queremos que nenhuma Mari mais se perca. Estamos aqui; vamos juntas, vamos juntos.” Então acho que é uma mudança de patamar de visibilidade sobre esses temas, e o empoderamento de muitas outras pessoas a partir da memória da Mari. Ali mesmo, bem perto de nós, há uma parede com um desenho dela. Está no Rio, tá em São Paulo, tá fora do Brasil. Ou seja, ela vira um símbolo de uma luta. A luta ganhou força. Outras mulheres acabaram sendo impulsionadas. Mas a partir de uma derrota enorme. Não era para ser assim.<sup>21</sup>

Segundo essa citação, na forma pela qual Marielle foi lembrada após sua morte ressoa uma espécie de ressurreição. Do ponto de vista teológico, esta não pode ser entendida em sentido tradicional, e retomando os dogmas cristológicos, como ressurreição física de um corpo individual, pois Marielle está e permanece morta e seus familiares sentem dolorosamente sua falta até agora. Mas a presença de Marielle para além de sua morte poderia ser entendida como ressurreição *para dentro* do corpo de um novo sujeito coletivo político que ganhou voz e contornos em função do assassinato dela.

### ***Teses sobre uma compreensão decolonial de “memória perigosa”***

Nas seções precedentes se mostrou, a partir de diversos excertos de entrevistas, como a memória de Marielle Franco empoderou mulheres afrodescendentes e deu visibilidade política às causas delas. Esse nexos empiricamente constatável é agora tomado como ponto de partida para descolonizar o conceito da “memória perigosa” no pensamento de Metz. A descolonização pode ser concretizada a partir do conteúdo da memória, da concepção de solidariedade, “perigo” e sujeito bem como a partir do nexos entre memória e espaço, sendo esboçada, no que se segue, em forma de cinco teses:

1) A “memória perigosa” decolonial abrange não só uma memória do sofrimento (como no pensamento de Metz), mas também a memória daquilo que foi alcançado. Como se mostrou acima, o assassinato de Marielle produziu não só muito sofrimento, mas se tornou também, levando em conta sua história e tudo aquilo que ela alcançou, um despertador para muitas meninas e mulheres afrodescendentes para se empenharem mais por si mesmas: “Se ela fez, eu posso fazer.” Portanto, a memória de Marielle é perigosa não só porque mantém acesa uma alternativa ao presente não

---

<sup>21</sup> Entrevista 3, 326-346 (Merian, 2024, cap. 3.4.3.3, nota 362).

realizado, mas também porque representa, para muitas pessoas, uma fonte de inspiração que desloca o horizonte do que é considerado possível.

2) A “memória perigosa” decolonial não se baseia (apenas) em um tipo de solidariedade que se assenta sobre a desigualdade e o reconhecimento da carência (como em Metz). Ela se baseia mais em um tipo de solidariedade entre pessoas que reconhecem que são afetadas pelos mesmos desafios e problemas. Esta pode – ampliando interseccionalmente a abordagem de Joerg Rieger (2019, p. 91), que parte da categoria de classe – ser chamada de “*deep solidarity*” [solidariedade profunda]. Levando em conta o autoreconhecimento de meninas e mulheres afrodescendentes na história de Marielle, a memória que elas têm dela não é a memória de uma pessoa estranha que tenha morrido por causa de uma crueldade desconhecida, e sim a memória de uma pessoa como elas que compartilhou os mesmos desafios. Ela era “gente da gente” (entrevista 9, parte 1, 185), como expressou uma das entrevistadas.

3) Em conexão com a seção anterior também é preciso diferenciar a compreensão do termo “perigo” no conceito da “memória perigosa”. Os resultados deste artigo mostram que o termo “perigo” não se refere apenas ao efeito desestabilizador que essa memória tem quanto às relações de poder reinantes na sociedade (como no pensamento de Metz). Retomando as famosas teses de Walter Benjamin sobre a filosofia da história (2021, p. 251-261), o “perigo” pode também ser relacionado com a situação de origem da recordação: “Memória perigosa” é memória que aflora em um momento de perigo e ameaça existencial e ajuda os sujeitos ameaçados a perceber melhor sua própria situação.

4) Com base nas reflexões feitas até aqui, também a compreensão de sujeito na “memória perigosa” precisa ser reconsiderada. Como se viu acima, a concepção de Metz se baseia em uma contraposição binária e estática de sujeitos estabelecidos e não estabelecidos. Esse modelo é unilateral porque só enfoca o fim (a vitimização e interrupção), mas não os processos de tornar-se sujeito que o precederam. Essa perspectiva é problemática justamente levando em conta o exemplo de Marielle porque corre o risco de reproduzir o estereótipo colonial da mulher afrodescendente como vítima (Mohanty, 2006) A história de vida de Marielle e a maneira como mulheres afrodescendentes se autoempoderaram e se construíram como mulheres negras mediante a apropriação da memória de Marielle sugerem, em vez disso, uma interpretação por meio da teoria do frágil processo de tornar-se sujeito proposta por Judith Butler. O ponto de partida de Butler (1997) é que o tornar-se sujeito ocorre pela sujeição a discursos. Um indivíduo precisa se sujeitar a discursos para ser alguém. Isto pode ser opressivo para sujeitos que desviam da norma, mas a sujeição também possibilita subversão do discurso dominante. Essa abordagem torna possível estudar, em contextos de violência, racismo, sexismo etc. como aquele de Marielle, processos sutis de tornar-se sujeito e autoempoderamento. Resumindo, isso significa que a “memória perigosa” decolonial abrange (não só) a memória do tornar-se sujeito impedido (como no pensamento de Metz). Em vez disso, ela também mantém acesa a memória do tornar-se sujeito e promove, por sua vez, processos de tornar-se sujeito.

5) A “memória perigosa” decolonial não rompe apenas com a noção do tempo como contínuo infundável e da história como história do progresso (como se constata programaticamente em Metz). Ela também possibilita a percepção crítica de esferas de poder e seus limites e anima a superá-los e a ocupar “esses espaços”. Segundo a análise de escatologias ocidentais feita pelo teólogo luterano brasileiro Vítor Westhelle (2012, p. 1-20 e 55-69), faz parte das características do discurso colonial o fato de só tematizar o tempo e a história, mas não os espaços e, portanto, também os limites do próprio regime de poder. Por isso, Westhelle (*ibid.*, p. 71-83) acentua o potencial crítico de teorias da produção de espaço social (na esteira do “*spatial turn*”) e a ultrapassagem de limites para a escatologia libertadora

pós-colonial. Lendo-se Metz sob essa perspectiva, deve-se reconhecer que ele tenta criar uma consciência dos limites do tempo e da história através de sua referência programática ao apocalipsismo. No entanto, sua abordagem reflete a perspectiva das pessoas que já conseguiram se estabelecer como sujeitos e, por conseguinte, são membros da sociedade em sentido pleno. Em contraposição a isso, a situação das mulheres afrodescendentes que se apropriam da memória de Marielle reflete mais fortemente a situação daquelas que estão “fora” e ainda precisam obter acesso a direitos fundamentais e espaços socialmente relevantes (como na política). Sob essa perspectiva, a memória de Marielle é uma “memória perigosa” decolonial porque não só mostra que é possível “ocupar espaços”, mas também inclui estratégias concretas de como eles podem ser “ocupados”.

## Considerações finais

O presente artigo interpretou as reações solidárias ao assassinato de Marielle Franco como expressões de uma “memória perigosa” que mantém viva a lembrança da vereadora carioca em modo crítico. Aquelas reações solidárias que enfocam mais no sofrimento, ou seja na “cruz”, podem ser entendidas como uma “memória perigosa” no sentido de Metz. Outras, que acentuam mais o que Marielle alcançou sendo uma mulher negra, favelada, lésbica, refletem uma “memória perigosa” decolonial que inspira, empodera e faz pessoas subalternizadas ressurgirem. Essas últimas reflexões incipientes sobre a “memória perigosa” decolonial e suas características (solidariedade profunda, memória no momento do perigo, sujeitos frágeis, bem como estímulo à ocupação de espaços) oferecem bases iniciais que ainda precisam ser desenvolvidas e aprofundadas no futuro.

## Referências

ALLEN, Amy. Rethinking Power. *Hypatia*, v.13, n. 1, p. 21-40, 1998.

BARREIRA, Gabriel. Mãe de policial assassinado relembra ajuda de Marielle Franco no caso: ‘Foi imbatível’. *Gi Globo*, 17/3/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/mae-de-policial-assassinado-relembra-ajuda-de-marielle-franco-no-caso-foi-imbativel.ghtml>. Acesso em: 6/9/2023.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Editoria Jandaíra, 2019. Edição do Kindle.

BOFF, Leonardo. Martyrium : Versuch einer systematischen Reflexion. *Concilium*, v. 19, n. 3, p. 176-181, 1983.

BUTLER, Judith. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. ASHOKA (org.): *Racismos contemporâneos / Coleção valores e atitudes*. Rio de Janeiro: Takano, p. 49-58, 2003.

COELHO, Alexandra Lucas. Jesus, negro, favelado (ou como evangélicos e esquerda precisam de falar). *SAPO* 24, 17/8/2018. Disponível em: <https://24.sapo.pt/opiniao/artigos/jesus-negro-favelado-ou-como-evangelicos-e-esquerda-precisam-de-falar>. Acesso em: 6/9/2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, vol. 43, n. 6, p. 1241-1300, 1991.

DIAS CARNEIRO, Julia. Rejeição da família, pedido de casamento e luto: a história de amor interrompida de Marielle e Monica. *BBC Brasil*, 30/3/2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43558653>. Acesso em: 6/9/2023.

DREXLER-DREIS, Joseph. *Decolonial Theology in the North Atlantic World*. Leiden: Brill, 2019.

FERREIRA, Hercules da Silva Xavier. *MARIELLE – HOMENAGENS – intervenções urbanas*, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/o/viewer?mid=13UkFLKyqSC7qiVz8Buqs3nJxq9h4okoG&ll=-22.915200311104048%2C-43.20840437477635&z=16>. Acesso em: 6/9/2023.

FRANCO, Marielle. *Gabinete Digital*, 2018. Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/projetos-de-lei-marielle-rio>. Acesso em: 6/9/2023.

GREENWALD, Glenn *et al.* Marielle Franco's Murderers Must be Brought to Justice. *The Guardian*, 22/3/2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/22/marielle-franco-murderers-must-be-brought-to-justice>. Acesso em: 6/9/2023.

HILL COLLINS, Patricia. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. 2. Ed. New York: Routledge, 2009.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. Marielle fala sobre PL no Dia da Visibilidade Lésbica em 2017. *Youtube*, 25/4/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6mbX44yYOCU>. Acesso em: 6/9/2023.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. NÃO SEREI INTERROMPIDA | 08/03/2018. *Youtube*, 11/5/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f18czAgJGUE>. Acesso em: 6/9/2023.

MARINS, José; TREVISAN, Teolide Maria; CHANONA, Carolee. *Martírio: memória perigosa na América Latina* [volume 1]. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MERIAN, Katharina. *Remembering Marielle Franco From a Theological Perspective: A Teaching in Individual and Collective Self-Empowerment*. Cham: Palgrave Macmillan, 2024 (a ser publicado em setembro).

METZ, Johann Baptist. *Glaube in Geschichte und Gesellschaft: Studien zu einer praktischen Fundamentaltheologie*. Freiburg/Basel/Wien: Herder Verlag, 2016.

METZ, Johann Baptist. “Politische Theologie” in der Diskussion [1969]. METZ, Johann Baptist; REIKERSTORFER, Johann. *Neue Politische Theologie – Versuch eines Korrektivs der Theologie*. Freiburg i.Br.: Herder Verlag, p. 27-60, 2016.

MOHANTY, Chandra Talpade. *Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses* [1986]. DURHAM, Meenakshi Gigi; KELLNER, Douglas (org.). *Media and Cultural Studies: Keywords*. Malden, Mass: Blackwell, p. 396-421, 2006.

WALSH, Catherine E. Insurgency and Decolonial Prospect, Praxis, and Project. MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. (org.). *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press, p. 33-56, 2018.

PANSARDI, Pamela; BINDI, Marianna. The New Concepts of Power? Power-over, Power-To and Power-with. *Journal of Political Power*, vol. 14, n. 1, p. 51-71, 2021.

PASTI, André; AMORIM, Eduardo; MOURÃO, Mônica. Assassinato de Marielle na mídia: a descontextualização de uma luta. *CartaCapital*, 19/3/2018. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/assassinato-de-marielle-franco-a-antitese-de-um-espetaculo-midiatico/>. Acesso em: 6/9/2023.

POTTER, Hyury. Efeito Marielle consolida voto em causas feministas. *DW*, 10/10/2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/efeito-marielle-consolida-voto-em-causas-feministas/a-45819394>. Acesso em: 6/9/2023.

RIEGER, Joerg. *Deep Solidarity: Dealing with Oppression and Exploitation Beyond Charity and Advocacy*. HUGHES, Krista E.; MARTIN, Dhawn B.; PADILLA, Elaine (org.). *Ecological Solidarities: Mobilizing Faith and Justice for an Entangled World*. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, p. 89-102, 2019.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Revista Brasileira de Ciência Política*, vol. 34, p. 1-54, 2021.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Empowering Memory and Movement: Thinking and Working Across Borders*. Minneapolis: Fortress Press, 2014.

REDAÇÃO SUL21. Temer usa morte de Marielle para justificar intervenção militar no Rio. ‘Não vamos aceitar’, diz PSOL. *SUL 21*, 15/3/2018. Disponível em: <https://sul21.com.br/ta-na-rede/2018/03/temer-usa-morte-de-marielle-para-justificar-intervencao-militar-no-rio-nao-vamos-aceitar-diz-psol/>. Acesso em: 6/9/2023.

WALTER, Benjamin. *Illuminationen*. 19. Ed. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2001.

WESTHELLE, Vitor. *Eschatology and Space: The Lost Dimension in Theology Past and Present*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

ZAMORA, José A. *Krise – Kritik – Erinnerung: Ein politisch-theologischer Versuch über das Denken Adornos im Horizont der Krise der Moderne*. Münster: LIT, 1995.

---

RECEBIDO: 14/09/2023  
APROVADO: 22/07/2024

RECEIVED: 09/14/2023  
APPROVED: 07/22/2024